

JULIANA SIXEL COUTINHO

O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE

RIO DE JANEIRO  
2005

JULIANA SIXEL COUTINHO

O BRINCAR NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia do Centro de Ciências  
Humanas e Educação da UNIRIO,  
como requisito para obtenção de  
graduação orientado pela professora  
Sandra Albernaz.

RIO DE JANEIRO  
2005

**DEDICATÓRIA**

**A DEUS PELA FORÇA  
AOS MEUS PAIS PELO CARINHO  
AOS MEUS AMIGOS PELA  
AMIZADE**

AGRADECIMENTOS

A MINHA ORIENTADORA SANDRA  
ALBERNAZ E AMIGAS DE  
FACULDADE QUE PUDE CONTAR AO  
LOGO DESTA CAMINHADA.

## RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar os paradoxos da infância hoje e suas implicações no desenvolvimento sócio-afetivo e motor. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, ressaltando as condições vividas pelas crianças, em diferentes lugares e momentos históricos. Foi verificado que as crianças do mundo atual têm muito acesso aos meios de informações, além do convívio familiar e escolar. O trabalho também destaca as funções e responsabilidades da escola juntamente com os pais no processo de construção do indivíduo como um todo. O final do trabalho apresenta uma reflexão sobre a importância do brincar na Educação Infantil, com a finalidade de garantir para a criança uma infância que, além de casa, comida, carinho, saúde e educação, elas tenham tempo e espaço para a brincadeira livre.

## SUMÁRIO

Introdução.....	07
Capítulo I.....	09
Sub-título 1.1.....	15
Capítulo II.....	19
Sub-título 2.1.....	19
Sub-título 2.2.....	23
Sub-título 2.3.....	25
Capítulo III.....	32
Conclusão Reflexiva.....	40
Referência Bibliográfica.....	44

?

## INTRODUÇÃO

Uma questão que me fez refletir sobre a importância do desenvolvimento motor, foi o fato de hoje em dia, o cotidiano das crianças ser muito agitado e com espaços restritos. A violência nas ruas e a falta de tempo dos pais em acompanhar o dia-a-dia de seus filhos, resultaram em crianças confinadas dentro de apartamentos, cujo único divertimento cômodo e seguro é o da tecnologia, principalmente do videogame, do computador e da televisão, equipamentos que exigem escassos movimentos. Outra questão é o fato das crianças cumprirem uma agenda lotada de compromissos, que termina por tirar o tempo da brincadeira livre.

O estudo sobre a infância, suas características e diretrizes no desenvolvimento escolar, baseou-se primeiramente numa visão histórica e teórica da realidade em que a criança se encontra nos dias atuais, fazendo uma relação com a importância da escola e pais no processo ensino-aprendizagem da criança. Evidenciou-se as mudanças ocorridas com o mundo de hoje e suas implicações no dia-a-dia dos sujeitos envolvidos na educação das crianças. Priorizou-se mostrar o aparecimento da necessidade de uma nova modalidade de expressão corporal, chamada psicomotricidade, bastante inserida nas escolas dessa sociedade pós-moderna.

A monografia foi feita com base em estudos teóricos e com apresentação de três aspectos importantes no desenvolvimento da criança. Em minhas pesquisas também utilizei revistas especializadas que abordavam sobre o tema. O trabalho foi dividido em três capítulos.

No capítulo “O papel do brincar na Educação Infantil”, o sub-título “contexto sócio-histórico vai mostrar como a criança vai se constituindo como sujeito cultural, a partir do seu contexto histórico-social (áreas do conhecimento e experiências vividas), ao mesmo tempo que relaciona seus instrumentos de pensamento e de ação no mundo. A construção da identidade pessoal é ao mesmo tempo histórica e cultural, se constitui através da interação entre os homens

num processo de espelhamento e diferenciação dentro das relações de significações sociais, onde o corpo enquanto suporte físico-afetivo-cultural tem papel fundamental na vida dessas crianças.

No capítulo “O que é atividade psicomotora na escola?”, objetivou-se verificar a importância da psicomotricidade na Educação Infantil, ou seja, como a criança experimenta o seu corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal. Nesses espaços, as crianças se movimentam, se relacionam com o meio, com outras crianças e com seu próprio corpo. Através dos materiais oferecidos nas atividades psicomotoras, cada criança explora o que foi apresentado no seu tempo e com a sua imaginação, criando novas maneiras de brincar com seu corpo diante dos desafios propostos.

A partir destas reflexões, o capítulo “O papel da família no desenvolvimento das crianças” vai mostrar que a relação pais-escola tem um valor importante na construção da pertinência do grupo, da identidade pessoal e coletiva e da cidadania. É através dos valores éticos, das experiências afetivas, representações, juízos e expectativas transmitidas pela família, que o indivíduo vai se constituir.

Dessa maneira, podemos deixar uma reflexão sobre o desenvolvimento global das crianças, seja na preparação física dos alunos (aspecto biológico), aumento da auto-estima através da realização do movimento (aspecto psicológico), melhora da socialização (aspecto sociológico) ou realização de atividades conhecidas e aceitas naquela região (aspecto cultural), sempre lembrando que todos serão trabalhados praticamente ao mesmo tempo.

## CAPÍTULO I - O Papel do Brincar na Educação Infantil

Este capítulo abordará o assunto brincadeiras infantis, como fator fundamental ao desenvolvimento das aptidões físicas e mentais da criança, sendo um agente facilitador para que esta estabeleça vínculos sociais com os seus semelhantes, descubra sua personalidade, aprenda a viver em sociedade e preparar-se para as funções que assumirá na idade adulta.

A escolha deste tema surgiu da necessidade de abordarmos o assunto "jogos e brincadeiras infantis" não apenas como simples entretenimento, mas como atividades que possibilitam a aprendizagem de várias habilidades. O objetivo é correlacionar o lúdico, a brincadeira de infância, com recursos capazes de contribuir para o desenvolvimento das funções cognitivas da criança.

De início é importante explicar que foi utilizada a palavra jogo para referir-se ao "brincar". A palavra "jogo" se origina do vocábulo latino *ludus*, que significa diversão, se trata de atividade lúdica infantil: a brincadeira. O jogo é reconhecido como meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades.

A introdução da brincadeira no contexto escolar infantil inicia-se, com a criação dos jardins de infância, fruto da expansão da proposta froebeliana que influencia a educação infantil de todos os países. Cada realidade interpreta um dado teórico que reflete a orientação cultural de cada país.

FROEBEL (1912) introduz o brincar para educar e desenvolver a criança. Sua teoria metafísica pressupõe que o brincar permite o estabelecimento de relações entre objetos culturais e

a natureza. O autor concebe o brincar como atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral, cognitivo, e os dons ou brinquedos, objetos que subsidiam atividades infantis. Concepções de homem e sociedade envolvendo a liberdade do ser humano se auto-determinar, buscar o conhecimento para a humanidade desenvolver-se, definem a função da educação infantil que se reflete no brincar, considerado "*a fase mais importante da infância - do desenvolvimento humano neste período - por ser a auto-ativa representação do interno - a representação de necessidades e impulsos internos*". (FROEBEL, 1912, p. 54-55)

Representada pelas brincadeiras interativas entre a mãe e a criança, há outra modalidade, de natureza simbólica, de imitação de situações do cotidiano, por gestos e cantos, o espaço propício para a ação iniciada da criança, que permite a expressão e determinação. Desta forma, é proporcionada a compreensão da brincadeira como ação livre da criança e o uso dos dons, objetos, suporte da ação docente, conhecidos hoje como materiais pedagógicos, o que permite a aquisição de habilidades e conhecimentos, justificando os jogos educativos.

A ação motora que integra toda brincadeira é vista como independente da cognição, afetividade e sociabilidade, portanto, sem relação com o desenvolvimento da linguagem e oportunidades de exploração.

Algumas brincadeiras são consideradas somente do universo masculino ou feminino, como é o caso das casinhas de bonecas, que se pressupõe que devem restringir-se ao público feminino e às brincadeiras motoras, com carrinhos e objetos móveis, que pertencem mais ao domínio masculino. Da mesma forma, a concepção de que o brincar deve restringir-se a espaços como o playground, ou salas de aula, mostra o quanto o brincar está ausente de uma proposta pedagógica que incorpore o lúdico como eixo do trabalho infantil.

Este interesse tem origem na convicção de que é através do brincar que a criança se desenvolve e se constitui, no dizer de Bettelheim, *“brincar é muito importante porque, enquanto estimula o desenvolvimento intelectual da criança, também ensina, sem que ela perceba, os hábitos necessários a esse crescimento”*. (1988, p. 168)

Pensar a importância do brincar é abordar a questão cultural, que analisa o jogo como expressão da cultura, especificamente a infantil; a educacional, que analisa a contribuição do jogo para a educação, desenvolvimento e/ou aprendizagem da criança e a psicológica, que vê o jogo como uma forma de compreender melhor o funcionamento da psique, enfim, das emoções e da personalidade dos indivíduos.

As brincadeiras e jogos que vão surgindo gradativamente na vida do ser - desde os mais funcionais até os de regras, mais elaborados - são os elementos que lhe proporcionarão estas experiências, possibilitando a conquista da sua identidade. Sobre isto Bettelheim (1988) diz que os primeiros esforços para se tornar um eu, jogando coisas do berço – isto é – demonstrando a si própria que pode fazer coisas -, são seguidos pelo estágio do acesso de raiva, que é causado pelo fracasso de seu esforço para demonstrar a si mesma que pode fazer coisas para si própria.

Estas mesmas atividades possibilitam que as crianças ultrapassem sentimentos e fatos, combinando-os entre si, reelaborando-os criativamente e edificando novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com suas afeições, suas necessidades, seus desejos e suas paixões. De acordo com Piaget *“essas formas de jogo, que consistem, pois, em liquidar uma situação desagradável revivendo-a ficticiamente, mostram, com particular clareza,*

*a função do jogo simbólico, que é a de assimilar o real ao eu, libertando este das necessidades de acomodação.*" (1994, p.73).

As situações de brincadeiras possibilitam, também, às crianças, o encontro com seus pares, fazendo com que interajam socialmente, quer seja no espaço escolar ou não. No grupo elas descobrem que não são os únicos sujeitos da ação, e que para alcançar seus objetivos precisam levar em conta o fato de que outros também têm objetivos próprios que querem satisfazer. Os jogos infantis, no dizer de Piaget (1994), constituem-se "*admiráveis instituições sociais*" e através deles as crianças vão desenvolvendo a noção de autonomia e de reciprocidade, de ordem e de ritmo.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando.

A brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada. O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros, etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações.

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção e brincar com regras. Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os

papéis que irão assumir no interior de um determinado tema e enredo, cujos desenvolvimentos dependem unicamente da vontade de quem brinca. (FRIEDMANN, 2004)

As brincadeiras de faz-de-conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais, etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.

É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar.

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem.

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (ALMEIDA, 1998)

É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa. Nessa perspectiva não se deve confundir situações nas quais se objetiva determinadas aprendizagens relativas a conceitos, procedimentos ou atitudes explícitas com aquelas nas quais os conhecimentos são experimentados de uma maneira espontânea e destituída de objetivos imediatos pelas crianças. Pode-se, entretanto, utilizar os jogos, especialmente aqueles que possuem regras, como atividades didáticas. É preciso, porém, que o professor tenha consciência que as crianças não estarão brincando livremente nestas situações, pois há objetivos didáticos em questão.

### 1.1 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO:

Em outros tempos a rua era a extensão de nossos quintais e jardins. Brincávamos de pegador, de amarelinha, de pular corda, de bolinha de gude, de esconde-esconde, de carrinho de rolimã, sem a preocupação dos pais com os automóveis, com assaltantes e seqüestradores. Todo esse espaço ilimitado e as brincadeiras que criávamos nos garantiam uma coordenação equilibrada e um domínio do corpo preciso. Com a chegada do progresso, do crescimento descontrolado e seus conseqüentes perigos, as crianças ficaram confinadas em apartamentos diante de babás eletrônicas, como a TV, vídeos games e computadores, desenvolvendo prematuramente a coordenação manual, em detrimento da coordenação corporal. Perde-se não só em equilíbrio e em domínio do corpo, mas também em percepção visual, orientação espaço-temporal, esquema corporal, lateralização e no ajuste entre o ritmo externo e o interno. Ao ingressar na escola de ensino fundamental as exigências escolares aumentam, aparecendo as

falhas de atenção e concentração, de memória, de linguagem oral e escrita, apresentando sintomas, como hipotonias e desequilíbrio emocional. Os pais passam a se culpar pela defasagem dos filhos, enquanto a causa, muitas vezes, está na realidade social e ambiental na qual vivemos.

A falta de espaço e a não movimentação, são verdadeiras "talidomidas" da nossa sociedade; as crianças ficam confinadas dentro de apartamentos, cujos limites físicos são bem mais restritos que praças e espaços públicos. O divertimento mais cômodo e predileto da tecnologia, principalmente do videogame, do computador e da televisão, equipamentos que exigem escassos movimentos, a não ser das mãos.

FONSECA (1998) explica que a causa da falta de movimento nos dias de hoje, são devido a ausência de espaço e a privação de movimento é uma verdadeira talidomida da atual sociedade, continuando na família (urbanização) e na escola. A total não-aceitação da necessidade de movimento e da experiência corporal da criança põe em causa as atividades instrumentais que organizam o cérebro.

Hoje em dia, o cotidiano é muito agitado. É bastante coisa para se fazer em um único dia. Assim, as crianças com tantos compromissos e tarefas diárias, muitas vezes não sobra tempo para a brincadeira livre. A Psicomotricidade na Educação Infantil pode ter um papel importantíssimo no desenvolvimento das crianças, organizando um ambiente adequado e dando oportunidade para que tenham experiências positivas que lhes proporcionem um crescimento sadio e o desenvolvimento de várias habilidades.

O resultado desta falta de movimento é que boa parte das crianças apresenta desequilíbrio motor e pouco domínio corporal, *déficit* de atenção e concentração, dificuldade em construir um esquema corporal e conseqüentemente, uma identidade, tornando-se insegura e com pouca

disponibilidade para desenvolver operações mentais básicas, como observar, comparar, categorizar, identificar, analisar e sintetizar.

Esta área de psicomotricidade na educação infantil não era tão evidente dentro do currículo escolar, porque nossa infância era permeada de brincadeiras de rua que nos davam a sustentação para a nossa vida de aprendizagem formal. Frequentávamos a escola somente com seis ou sete anos e ninguém dizia que tínhamos dificuldade para escrever, recortar, ler, estar atento ou manter a concentração. Também havíamos desenvolvido todos os requisitos básicos para estas aprendizagens, brincando de amarelinha, esconde – esconde, bolinha de gude, carrinho de rolimã, pulando corda, confeccionando e soltando pipa, subindo em árvores ou ao andar nos equilibrando sobre os muros de nossas casas e tantas outras brincadeiras que criávamos.

Outra grande questão é a superproteção, falta de limite, rejeição, impedimento de que cresçam e evoluam em sua independência, com mensagens do tipo: "deixa que eu faço para você, você ainda não sabe", "demora muito", "você ainda não consegue" (frases geralmente ditas pelos adultos que convivem com a criança). Tal atitude se refere Também às atividades do dia-a-dia tais como comer sozinha, ir ao banheiro e limpar-se, vestir-se, calçar, tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos etc. são adiadas, fora os conselhos de profissionais da área de saúde de que a criança só deve ir para a escola depois dos três anos, quando já ganhou maior resistência imunológica. Então, criam-se, para os filhos de mães inexperientes, verdadeiras "bolhas" de proteção. É de sabedoria popular que somente em contato com os vírus criamos anticorpos; para isto existem as vacinas. Se não forem aplicadas antes dos três anos, as doenças da infância acontecerão depois. O que se perde nestes três anos, em que a criança ficou fora da escola numa cidade como São Paulo, só com muito esforço num consultório ou numa pré-escola, cujo enfoque é primordialmente o desenvolvimento motor, é que se poderá recuperar.

A psicomotricidade pode ser trabalhada individualmente ou em grupo, com crianças, adolescentes e adultos; como profilaxia colocada como grade curricular em pré-escola e escolas de ensino fundamental; como reeducação, descondicionando o indivíduo dos movimentos imprecisos. A responsabilidade dos profissionais da área de saúde que intervêm direta ou indiretamente no desenvolvimento da criança não é só o de assegurar o crescimento físico saudável, mas o de orientar os pais no sentido de que crescimento e desenvolvimento envolvem independência e esta gera sentimentos de capacidade e segurança, levando-a a ter iniciativas, a ser capaz de tomar decisões, participando ativamente do seu meio sociocultural, aprendendo a utilizar-se de todas as suas capacidades.

O objetivo <sup>de quem?</sup> é alertar sobre a necessidade de garantir à criança o direito a um desenvolvimento integral e harmônico, dando-lhe espaço para que se desenvolva, primeiramente na área motora e conseqüentemente na <sup>áreas</sup> cognitiva, social e emocional. Somente assim estaremos garantindo o desenvolvimento de um ser humano na sua totalidade.

## CAPÍTULO II - O que é psicomotricidade?

Segundo Fonseca (1983) o termo Psicomotricidade conforme o próprio nome diz é a junção do termo Psico que vem de psique (mente, cognição) com a palavra motricidade, que nos leva a pensar em movimento, corpo e ação. Psicomotricidade portanto, é essa interligação de uma atividade psíquica com uma atividade motora. Para a Psicomotricidade o corpo não é nada sem o seu aspecto psíquico. A psicomotricidade estuda o desenvolvimento infantil, englobando nele todos os seus aspectos (psíquicos, motores e afetivos).

A Psicomotricidade tem como principal objetivo o esquema corporal e a vivência do corpo em relação com o outro. Esquema Corporal quer dizer Esquema (forma de ser) Corporal (noção que se tem do corpo). O Esquema corporal é a parte visível que se tem do corpo e é quando reparamos que há algo diferente no corpo daquela criança, ou o seu andar, ou a forma que a criança utiliza seu corpo quando se movimenta, cai muito, muito mole, esbarra em tudo, etc., ou seja, é a parte visível do nosso corpo.

Para o Esquema Corporal se estruturar, não vai depender só dessa parte visível, operável aos nossos olhos, ou seja, noções de conhecimento do corpo, vivências e a imagem corporal, que está ligada a toda parte afetiva da criança, na confiança, auto-apreciação, carências e etc.

### 2.1 O que é atividade psicomotora na escola?

Uma atividade para ser considerada Psicomotora, deverá trabalhar com os aspectos afetivo, cognitivo e motor. Quando se trabalha com a questão do corpo na Educação Infantil, é de fundamental importância o conhecimento e aplicação da psicomotricidade, pois quando falamos

em movimento, falamos principalmente da importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana, trabalhando diretamente na relação ensino-aprendizagem.

A Educação Motora tem como objetivo ampliar as possibilidades do uso significativo de gestos e posturas corporais, desenvolvendo assim, também o movimento humano, pois ele é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo assim como levar as crianças a expressarem sentimentos, emoções e pensamentos.

Segundo Fonseca (1998), o estudo do movimento humano é extremamente complexo, pois constitui o suporte de toda a estruturação da atividade psíquica. Esse é um campo vasto de estudo que não está ligado apenas à evolução das multiplicidades do comportamento humano e ao desenvolvimento de suas potencialidades, mas também ao estudo dos processos cognitivos.

Para falar da importância do conhecimento do corpo para o indivíduo, Fonseca (1998), diz que a psicomotricidade é uma ciência que busca perspectivar as relações incessantes e permanentes dos fatores neurofisiológicos, psicológicos e sociais, que intervêm na integração, elaboração e realização do movimento humano. Dito em outras palavras, a psicomotricidade lança mão de metodologias e técnicas com a finalidade de fazer aflorar as possibilidades do indivíduo e apontá-las de maneira que se acredite cada vez mais capaz de progredir e dominar o seu corpo, através do movimento. É muito duro para uma criança ser deixada de lado no momento da escolha de equipes para um jogo, porque é considerada inábil pelo grupo que convive. É igualmente ruim para o adolescente ser taxado de desajeitado, e vexatório para o

adulto ser apontado como um desastrado. Se não trabalhado, carrega-se as inabilidades pelo resto da vida, causando insegurança, baixo auto-conceito e isolamento.

Outra explicação do autor para a questão motora é a causa que a falta de movimento nos dias de hoje traz ao desenvolvimento. A ausência de espaço e a privação de movimento é uma dificuldade encontrada pela atual sociedade, onde a falta de experiência corporal da criança põe em causa as atividades instrumentais que organizam o cérebro.

Na instituição, a educação motora deve ser aplicada com diferenciação por faixa etária e respeitando as diferenças individuais e grau de maturidade das crianças, conduzida de forma lúdica (recreativa), levando-as a fazer uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais com intencionalidade, ou seja, objetivando desenvolver áreas como: coordenação motora dos grandes e pequenos músculos, equilíbrio, velocidade, agilidade, ritmo, assim como também correr, saltar, pular, rastejar, arremessar, entre outros; utilizando materiais e métodos como: circuito com atividades recreativas, bambolês, cordas, atividades de roda, pneu, bolas de diferentes tamanhos e espessuras, entre outros, fazendo com que a criança se sinta segura, para arriscar e vencer desafios, proporcionando conhecimento a cerca de si mesma, dos outros e do meio em que vive.

Conhecer o porquê da criança agir desta ou daquela forma, entender a maneira de umas realizarem determinados movimentos com destreza e outras não, conhecer maneiras e métodos de criar e diversificar atividades que desenvolva cada criança de acordo com suas necessidades e maturidade é também uma forma de ensiná-los a viver em sociedade. Dessa maneira, podemos dar uma enorme contribuição para o desenvolvimento global das crianças.

A Psicomotricidade vai considerar o sujeito do ponto de vista psicomotor, ou seja, <sup>é</sup> a linguagem não expresso apenas em palavras, mas em sua corporeidade. Ao fazer a leitura do indivíduo, a Psicomotricidade estará considerando o desenvolvimento psicomotor (reflexos, coordenação, esquema corporal, tonicidade), a estruturação espaço-temporal (tempo, espaço, ritmo, distância) e a lateralidade. Ou seja, a forma como o indivíduo apropria-se de seu corpo considerando ser a corporeidade a instância central da relação com o mundo.

Segundo Lapierre e Aucouturier (1974), o desenvolvimento da personalidade da criança e de sua inteligência requer a organização e a estruturação do eu e do mundo a partir da concepção de algumas noções fundamentais, que são descobertas a partir das vivências da criança, de suas experiências e que, no começo, aparecem polarizadas como oposições ferrenhas entre dois pólos que conformam uma unidade: grande-pequeno, aberto-fechado, alegre-triste...Esse mundo de contrastes, carregado de racionalidade e de afetividade, é o mundo da criança pequena, projetando através dessas noções primitivas seu estado anímico e o mundo de seus afetos.

Na criança, a sensório-motricidade se constitui na principal via de expressão de seu mundo interno, organizado por esses contrastes e por essas polarizações de conceitos básicos, especialmente na faixa etária compreendida entre os primeiros meses e os 6 ou 7 anos, etapa, na qual a criança se encontra em uma situação de globalidade (união permanente e estreita entre corpo e mente). Essa forma de expressão permanece durante toda a vida, embora de forma diferente, devido ao complexo e amplo desenvolvimento das capacidades de cada pessoa. Por isso, a psicomotricidade se centra em conhecer a criança a partir de sua atividade motora e

desenvolve uma prática pedagógica direcionada a descobrir a infra-estrutura simbólica que tem toda a ação espontânea da criança.

## 2.2 OBJETIVOS DA PSICOMOTRICIDADE PARA EDUCAÇÃO INFANTIL (AUCOUTOURIER, 1986)

- Gerais
  - Desenvolvimento físico e corporal harmonicamente.
  - Controle corporal.
  - Desenvolvimento das habilidades motoras.
  - Utilizar-se de seus movimentos em forma de comunicação e expressão.
  - Hierarquia de valores para viver em sociedade.
- Específicos
  - Reconhecer o seu corpo e de seu próximo.
  - Realizar movimentos independentes e agrupados, do simples ao complexo.
  - Definir sua dominância lateral.
- Orientação Espacial
  - Orientar-se no espaço, em direção, localização e tempo.
  - Identificar e efetuar movimentos em diferentes velocidades e trajetórias.
- Qualidades Físicas
  - Estruturar-se em movimentos de coordenação geral.
  - Equilibrar-se em diferentes posições, deslocamentos e postura.

- Melhorar seu desempenho.
- Resistência.
- Flexibilidade.
- Agilidade.
- Velocidade.
- Movimento dos pequenos músculos, tais como: pinçar, recortar, colar, costurar, separar, empilhar.
  
- Expressão Corporal
  - Reproduzir movimentos corporais de: animais, posturas, pessoas e objetos.
  - Expressar-se em mímica.
  - Movimentar-se em diferentes ritmos.
  - Expressar-se em grupo ou com companheiro.
  - Vivenciar sentimentos através da dramatização, fatos, histórias, fantasias e música.
  
- Recreação
  - Participar de atividades lúdicas.
  - Cooperação com o grupo.
  - Adquirir pequenas regras em brincadeiras em relação a espaço, material e tempo.

### 2.3 A TEORIA DOS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DA CRIANÇA SEGUNDO PIAGET

Piaget, quando descreve a aprendizagem, tem um enfoque diferente do que normalmente se atribui a esta palavra. Ele separa o processo cognitivo do inteligente em duas palavras: aprendizagem e desenvolvimento. Para Piaget (1975), a aprendizagem refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou não. Enquanto que o desenvolvimento seria uma aprendizagem de fato, sendo este o responsável pela formação dos conhecimentos.

Essas 4 fases são :

Período	Faixas Etárias Aproximadamente
<i>Sensório-motor</i>	Nascimento até 1 1/2 a 2 anos.
<i>Pré-operatório</i>	2 a 6-7 anos.
<i>Operatório Concreto</i>	6-7 anos a 11-12 anos.
<i>Operatório Formal</i>	11-12 anos até a fase adulta.

- Período Sensório-motor

O período sensório-motor é assim chamado, por apresentar inteligência, predominantemente, prática, sem representação ou pensamento. A criança, nesta fase, faz uso somente da percepção e dos movimentos, além de demonstrar uma constante e crescente coordenação desses comportamentos perceptivos e motores. Nesta fase:

- Os reflexos do bebê são gradualmente modificados pela experiência;
  - A atividade da criança torna-se menos centrada no corpo e mais centrada nos objetos;
  - Pela manipulação, o bebê descobre a relação entre o meio e fim;
  - Início da representação simbólica;
  - A criança começa a planejar uma ação antes de executá-la.
- Período Pré-operatório

A principal diferença entre o pensamento da criança do período sensório-motor e o pensamento da criança pré-operatória é o aparecimento da função simbólica. Função simbólica é a que permite a criança ter uma representação mental dos objetos e das coisas do ambiente. A criança, nesta fase, é capaz de pensar sobre acontecimentos passados e futuros e sobre coisas que escapam aos limites do seu corpo visual. É o caso do:

- Funcionamento simbólico (representação mental, jogo de faz-de-conta, linguagem, desenho, etc.).
- Início da classificação simples.

Na escola de Educação Infantil que trabalho a 7 anos, as crianças tem uma vez por semana aula de Psicomotricidade. É um momento muito esperado por elas. Chegando lá a arrumação do espaço está sempre ligado ao projeto trabalhado pela escola e a princípio, as crianças interagem e exploram o ambiente da sua maneira. Inventam formas de brincar com os materiais, formam pequenos grupos com brincadeiras diferentes, usam o corpo para vencer os obstáculos propostos pela arrumação cada um do seu jeito. Depois, a professora especializada propõe atividades dirigidas com cada criança de uma vez, para assim poder intervir e avaliar o desenvolvimento motor e cognitivo de cada aluno. É respeitado o momento e por isso, até que se esclareça um

resultado final, várias observações são feitas levando em consideração a produção individual e coletiva.

O exemplo a seguir foi baseado no livro “*A psicomotricidade na Educação Infantil: Uma prática preventiva e educativa*” segundo as autoras Sánchez, Martínez e Peñalver (2003). A prática psicomotora foi realizada na turma em que trabalho com crianças de 2 anos de idade de uma Escola de Educação Infantil na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde o nível sociocultural das famílias é médio-alto. A turma é composta por 13 crianças, <sup>ou</sup> dos quais 6 são meninos e 7 são meninas. Entre eles, há um máximo de 6 meses de diferença de idade. Essa diferença de idade se reflete em seu nível de maturação, especialmente no início do ano letivo, e progressivamente o desnível vai se atenuando. O grupo tem duas educadoras constantemente e, com elas, vão para a sala de psicomotricidade. Há uma profissional especializada que intervém e orienta em situações concretas durante o momento. Nessa escola, a psicomotricidade está incluída no projeto central e os alunos a realizam desde seu ingresso, de forma progressiva e adaptada. O lugar onde são realizadas as sessões de psicomotricidade é um espaço multiuso, também empregado para outras atividades dinâmicas e de uso esporádico. Há vários colchonetes de diferentes tamanhos, espessura e densidade; blocos de espuma quadrados e retangulares, panos, bolas, cordas, aros, uma estrutura de plástico duro em forma de túnel, bichos de pelúcia e material figurativo. A partir da distribuição e da organização prévia do espaço e do material, prestando atenção para que haja uma parte do espaço cheia de material e outra vazia, material duro e macio, são facilitadas as atividades de exploração, experimentação e investigação que, mediante a repetição e a imitação, se consolidarão a darão vez a atividades mais organizadas, com objetivos mais concretos e dinâmicos grupais.

Nessa idade, as atividades prioritárias estarão centradas nos jogos de segurança profunda, na experimentação com os contrastes e na alternância, no prazer sensório-motor, no início dos jogos simbólicos e em um espaço para estimular a palavra, trabalhando através dela a escuta do outro, a atenção, a inibição do movimento, a espera, os hábitos. O trabalho que se realiza com crianças dessas idades não pode absolutamente ser livre e espontâneo. Deve haver uma estrutura, uma ordem que o sustente, que favoreça a espontaneidade e em que as crianças se sintam livres. Nossa atitude deve ser baseada no acompanhamento das dinâmicas que as crianças vão criando, sendo garantida de segurança física e psíquica. Será uma atitude atenta mas expectante, que permitirá às crianças se apropriarem, com seu próprio ritmo, da estrutura inicial proposta por nós.

Algumas atividades específicas para esta faixa etária: deslocamentos sobre o plano horizontal: arrastar, balancear, rolar, engatinhar, girar passiva e ativamente; deslocamentos ativos: caminhar, correr, subir, descer, trepar, saltar; equilíbrios e desequilíbrios: sobre o material duro e macio, experimentar a queda e o re-equilíbrio; jogos sobre presença e ausência: entrar e sair dos espaços, aparecer e desaparecer ante os olhos do adulto, agrupar e dispersar os materiais, construir-destruir-reconstruir, esconder-se para ser encontrado, perseguir e ser perseguido pelo adulto; jogos sobre a recreação em sua imagem: olhar-se no espelho enquanto são realizadas as diferentes atividades; estimulações labirínticas em suspensão: o movimento do balanço, das cordas, dos “ninhos de pano”; manipulação e exploração dos objetos.

Este exemplo aborda o fator fundamental ao desenvolvimento das aptidões físicas e mentais da criança, sendo um agente facilitador para que esta estabeleça vínculos sociais com os seus semelhantes, descubra sua personalidade, aprenda a viver em sociedade e preparar-se para as funções que assumirá na idade adulta.

O principal objetivo de uma atividade psicomotora na escola é correlacionar o lúdico, a brincadeira de infância, com recursos capazes de contribuir para o desenvolvimento das funções cognitivas da criança, bem como fazer associação da atividade ao desenvolvimento cognitivo.

É preciso planejar cada atividade psicomotora com bastante cuidado, a fim de organizá-las de acordo com a faixa etária e também há de se considerar o contingente, ou seja, aquilo que é dado ao indivíduo por suas circunstâncias particulares - constituição física, sua cultura, seu momento histórico e sua história pessoal.

Aucouturier (1994) questiona sobre o desenvolvimento harmonioso da criança e o papel da escola. A escola, entre outras, tem a função de contribuir, junto com as demais instâncias da vida social, para as transformações necessárias no sentido de tornar a sociedade brasileira mais democrática, para isso torna-se importante respeitar a criança e reconhecê-la na sua originalidade de expressividade, de seu modo de comunicação, de seu modo de descobrir a realidade e de pensar.

Ainda segundo Aucouturier (1994), a prática psicomotora educativa tem como finalidade o favorecimento da comunicação, expressão e criação. Ela vem de encontro às necessidades naturais da criança ajudando-a em seu percurso de maturação psicológica ao incentivá-la no prazer da ação e da brincadeira. Neste sentido é importante priorizar a ação, a experimentação e a descoberta. A exploração da motricidade de forma espontânea vai permitir à criança desenvolver de maneira harmoniosa a integração entre o biológico e o psíquico. É encorajá-la a ultrapassar as

angústias fundamentais para que essas crianças cheguem a aprender o conhecimento com prazer pelo prazer.

O processo de comunicação inicia-se a partir das trocas que a criança realiza com o mundo exterior. Trocas estas tônico-emocionais e verbais que vão ascender à introjeção do objeto externo, processo imprescindível para que aconteça a comunicação. É uma abertura de si para o mundo e de si para o outro.

Quando observamos um grupo de crianças brincando: correndo, pulando, construindo, destruindo, lançando-se, equilibrando-se, envolvidos num prazer de ação compartilhada, percebe-se que quase não existe a comunicação verbal, entretanto é um espaço rico de trocas não verbais. Comunicam-se com o olhar, com o tônus, observam, esperam sua vez, estão envolvidos nas mesmas realizações, nos mesmos projetos, nos mesmos desejos. E a ação oportuniza a criança integrar esta rede de sensações que despertam a percepção do outro, de si, do mundo. Todo processo educativo deveria, em primeiro lugar privilegiar a comunicação corporal, pois é no corpo que estão seus registros mais arcaicos de vida, sua história, todo o simbolismo do seu passado afetivo, e ela quer expressar isto, comunicar ao mundo externo o que se passa em seu mundo interno. O não verbal está na origem de uma comunicação verbal, é uma etapa imprescindível, mas que deverá ser superada.

O corpo é a primeira forma de expressão do ser e toda proposta pedagógica deveria privilegiar esta instância possibilitando à criança expressar-se e reagir emocionalmente. Lamentavelmente o que constatamos na maioria dos sistemas educativos é um corpo sobrecarregado de encargos cognitivos permanecendo na maioria das vezes mudo, sem comunicação e sem expressão. A expressão é a forma de se passar para o exterior aquilo que se

tem guardado no mais íntimo do nosso ser. É mostrar-se, revelar algo que vem lá de dentro. As formas de expressão podem ser as mais variadas possíveis. Na prática psicomotora educativa, a expressividade motora é a forma da criança mostrar-se ao mundo, de descobrir a si mesma como também realizar descobertas deste mundo no qual ela está inserida e, conquistá-lo.

Criar é uma necessidade vital de todo ser humano. O ato criativo abrange a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar. O ato criativo se basta por ele mesmo. Ele é o significante e o significado que está expressando algo das experiências afetivas mais íntimas do ser. A expressão criadora permite à criança estar em relação com o que está no mais profundo dela mesma e que é manifestado através de suas descargas de prazer ou desprazer, da sua história afetiva inconsciente.

A prática psicomotora educativa favorece a maturação psicológica da criança a partir da ação e do jogo. Segundo Aucouturier (1994) essa concepção busca <sup>a</sup> ~~um~~ <sup>o</sup> construir dessa maturação, favorecendo a mudança do "prazer de agir ao prazer de pensar", ou seja, algo que vai do corpo à linguagem e ao pensamento. O educador deve criar condições básicas acompanhar as atividades das crianças sem invadi-las, oferecer segurança sem repressão, acolher sem super-proteção, escutar e esperar o tempo de cada criança. É promover com qualidade o desenvolvimento de cada criança como uma proposta "viva", pois oferece transformação e prazer, que oportuniza a criança abrir asas para o mundo, a construir seu conteúdo psíquico, a se constituir num ser de comunicação, num ser de criação.

Todo educador envolvido com a ação pedagógica deve respeitar a identidade própria de cada criança, valorizar suas possibilidades de ação e desenvolvimento num processo constante de crescimento individual e social.

### CAPÍTULO III - O Papel da Família no Desenvolvimento da Criança

A célula fundamental na formação e desenvolvimento do ser humano é, sem dúvida, a família. Ela é o primeiro espaço de convivência do ser humano. Referência fundamental para qualquer criança pequena, independente de sua configuração, se aprende e incorpora valores éticos – e onde são vivenciadas experiências afetivas, representações, juízos e expectativas. Apesar disso, podemos observar que nos últimos anos, mais precisamente, na última década, a instituição da família sofreu uma violenta grande carga de transformação. Segundo Oliveira (2002), nos dias atuais existem diversas formas de arranjo familiar, apesar de ainda se manter a imagem de uma família nuclear – na qual o pai cuida de prover os recursos necessários à sobrevivência física e a mãe é a grande responsável pela educação da prole e pela harmonia cotidiana – como o ambiente correto para o bom desenvolvimento infantil.

Em virtude de uma série de problemas, normalmente de ordem material ou afetiva, a família já não tem sido o modelo de solidez de convivência mútua entre duas pessoas ou mais. As condições de trabalho existentes em nossos dias produzem problemas numerosos e diversificados a respeito da guarda da infância. Com isso, as famílias são obrigadas a constituir diferentes ambientes para seus membros, os quais estão também em permanente mudança.

A família espera ser homologada em seu papel de criar uma criança que se comporta bem segundo o padrão de desenvolvimento esperado. Ele quer ser confirmada, reconhecida como boa. Os pais, todavia, fazem “mais” para a criança do que “com” a criança, o que revela um predomínio da noção de sacrifício, de peso, em vez de satisfação.

Juliano

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Março

Dia	15	22	29	
Observações	discussão do tema para escolha dos capítulos			
Professor				
Aluno	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>

Mês Abril

Dia	04	11	18	25
Observações	dívidas da pesquisa dos cap. trazendo textos			
Professor				
Aluno	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>

Mês Maio

Dia	02	09	16	23 e 30
Observações	organização e correção dos capítulos prontos			
Professor				
Aluno	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>

Mês Junho

Dia	07	14	21	28
Observações	elaboração da conclusão da monografia e apêndices finais.			
Professor				
Aluno	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>	<i>JS</i>

Muitas são as demandas que se colocam para a escola hoje. Ter por função apenas “transmitir os conhecimentos acumulados pelas gerações passadas” deixou de ser há muito tempo a função da escola, embora haja controvérsias e polêmicas sobre o que, concretamente, essa instituição está fazendo na atualidade, principalmente para com os filhos das classes menos favorecidas da sociedade. Porém, é inegável que as demandas e as exigências da sociedade em relação à escola, aumentaram muito.

O professor não tem um papel terapêutico em relação à criança e sua família, mas o de conhecedor da criança, de consultor, apoiador dos pais, um especialista que não compete com o papel deles. O professor deve possuir habilidades para lidar com as ansiedades da família e partilhar decisões e ações com ela. Se assim ocorrer, a família terá no professor alguém que lhe ajudará a pensar sobre o próprio filho e a se fortalecer como recurso privilegiado do desenvolvimento infantil. (OLIVEIRA, 2002, p.181).

Os pais precisam conhecer e discutir os objetivos da proposta pedagógica e os meios organizados para atingi-los, além de trocar opiniões sobre como o cotidiano escolar está ligado ao cotidiano familiar da criança. A gestão da relação entre a instituição educacional e a família varia conforme as situações, os sistemas, as tradições, a representação feita do papel da coletividade em relação à família e à criança. Por sua vez, o poder que os pais podem exercer na escola depende de suas expectativas, representações sociais e experiência pessoal de escolarização, que, por sua vez, derivam de seu nível social. Kramer (2003) discute os principais objetivos da interação escola-família.

Essa interação favorece e complementa o trabalho realizado na escola com as crianças, na medida em que possibilita que se conheça seus contextos de vida, os costumes e valores culturais de suas famílias, e as diferenças ou semelhanças existentes entre elas e em relação à proposta pedagógica. (KRAMER, 2003, p.100).

Uma grande questão enfrentada pelos pais, em especial em áreas urbanas é a complexidade da vida nos grandes centros e pelas condições do seu contexto familiar, que passam a exigir cada vez mais da própria escola, apostando tudo na educação, dada pela instituição, e assim, isentando-se de assumir seu papel (formação de hábitos, valores, saúde e etc).

Quantas vezes os psicólogos recebem em seu consultório crianças em estado de dificuldade escolar e escutam dos pais queixas contra a escola: que é rígida, ou não entende o filho, ou não o valoriza, ou que não tem disciplina, larga as crianças e, depois, cobra rendimento. Também quando ouvimos o pessoal da escola escutamos novas queixas: os pais abandonam os filhos em suas mãos, não querem se envolver com os deveres escolares, ou, ao contrário, se intrometem em tudo. Há também os famosos problemas decorrentes dos conflitos familiares que não permitem à criança aprender, isentando de culpa o modo de transmitir os conteúdos e de criar o hábito de pensar por parte da escola, ou seja, desculpando a dificuldade que existe na escola em estabelecer relações interpessoais, autênticas e promotoras de autonomia. Neste sentido, é preciso compreender os fatores sociais e políticos que estão em jogo na relação escola-família, não acusando ou culpando os pais quando não participam da vida escolar e, simultaneamente, buscando as formas de aproximá-los da proposta pedagógica e de aproximarmos-nos de seus interesses.

É importante para a criança apreender como se organiza a sociedade e isto é feito de modo vivido, com mais eficácia do que se for apenas verbalizado ou “ensinado”. A colaboração e respeito que a criança reconhece, na prática, entre seus pais e sua escola, é um modelo de caminhos possíveis para ela percorrer no sentido da cidadania. É através do que transmitem os

pais e dos cortes e interdições, que eles veiculam, que a criança descobre que não pode apenas viver de acordo com seus desejos e seus impulsos, que deve também submeter-se à realidade e escolher quais desejos pode realizar de modo simbólico ou através de sublimações.

O papel da família também inclui a atenção especial com a educação formal das crianças. Ela pode influenciar na qualidade do ensino que é oferecido aos seus filhos. Por meio da participação na rotina das instituições de ensino, na formulação do projeto pedagógico das creches e pré-escolas e na eleição de prioridades em termos de atividades pedagógicas, instalações, materiais e recursos humanos, os pais e amigos das crianças colaboram para a construção de uma parceria eficaz entre a educação formal e a familiar. O conhecimento é transmitido de várias maneiras e por diferentes pessoas. Kramer (2003) fala que transmitir aos filhos o que é próprio da sociedade depende da ética parental, mas também dos mitos e das fantasias inconscientes dos pais. Semelhantemente aos pais, os educadores além das propostas conscientes de educar, têm também fantasias e mitos pessoais e institucionais que influenciam em suas atitudes educativas.

De acordo com as questões acima abordadas com relação ao papel da família e da escola, uma nova concepção de escola surge nos dias atuais e se denomina como escola reflexiva. Alarcão (2001) diz que este tipo de escola pensa continuamente em si própria, revendo sua função social e organizativa, buscando proporcionar ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes e capacidades que permitam ao indivíduo viver, conviver e intervir em sociedade, em interação com os outros cidadãos.

Diante dessa multiplicidade de funções, que abrange a formação de um cidadão, capaz de agir e de interagir no mundo em que vive, não apenas com competências cognitivas desenvolvidas, mas, principalmente, com aquisições também afetivas, pessoais e sociais, que lhe possibilitem atitudes e valores positivos para uma transformação social efetiva, que torne o mundo globalizado menos excludente e mais humano, percebe-se que a escola não pode trabalhar sozinha.

É imprescindível que a escola se una a outras instituições sociais para cumprir melhor o seu papel. Dentre essas instituições sociais com condições de contribuir efetivamente para que a escola cumpra seu papel, entendemos ser a família a mais abalizada, até mesmo pelas funções formativas que também possui, embora tenhamos que reconhecer que a mesma também passa por profundas transformações na sociedade atual.

Porém, mesmo com todas as transformações pelas quais a família vem passando, ela continua sendo uma instituição fundamental e basilar para o desenvolvimento do ser humano, sendo a primeira que vai referendar a proteção e a socialização do indivíduo, se constituindo como a primeira possibilidade de aprendizagens afetivas e de relações sociais.

É importante frisarmos que a família nuclear – formada por pai, mãe e dois ou três filhos no máximo, por ter sido o modelo consolidado pela emergente sociedade capitalista burguesa da era industrial, ainda continua a ser o ideal de família do imaginário social da grande maioria da população, que considera desestruturada, ou incapaz de cumprir sua função formativa junto às novas gerações, outros modelos de família, mesmo que nascidos no seio das contradições dessa mesma sociedade capitalista.

A chamada família mono-parental – composta por pai-madrasta, mãe-padrasto, os filhos de cada um e os de ambos; ou as famílias compostas por apenas um dos cônjuges e seus filhos, ou até mesmo por tios, avós e sobrinhos e netos, que podemos considerar como fruto dessas contradições, sem entrarmos no mérito do aprofundamento maior das nuances psicológicas, emocionais e sociais, é uma realidade da qual a sociedade não pode fugir e a escola também não.

Compreender, sem preconceitos e pré-julgamentos, as condições, limitações e os próprios conflitos desses modelos de família tão presentes em todas as classes sociais da atualidade, é um dos grandes desafios das instituições que, como a escola, trabalham com crianças e, conseqüentemente, precisam trabalhar com as famílias das mesmas.

Essa é uma tarefa complexa, na medida em que precisamos nos despojar de muitos preconceitos e concepções culturalmente arraigadas, para aceitarmos que o “modelo” de família é uma construção histórica, que se transforma juntamente com a sociedade, transformando e modificando também antigas normas e tradições, e que o mais importante é não perder sua função social precípua, que no caso da família é a formação, principalmente moral e ética, das novas gerações.

Portanto, é preciso que haja uma colaboração fundamental e um grande entendimento, entre escola e família, para que elas sejam parceiras nessa tarefa grandiosa de formação de um indivíduo profissional, afetivo e social, que contribua para a melhoria do contexto social no qual vive, embora saibamos que falar da relação da família com a escola hoje na maioria das nossas instituições de ensino, é falar de uma relação conflituosa, onde as funções específicas e

complementares de cada uma dessas instituições, não estão muito claras, gerando vários desentendimentos.

Em alguns casos é a família que quer delegar a escola funções que são prioritariamente suas, como por exemplo, à formação de valores morais. Em outros momentos, é a escola que quer que a família assuma o processo de aprendizagem das crianças, em relação aos conteúdos formais, como se essa não fosse uma responsabilidade primordial da instituição escolar.

Refletindo sobre essa questão da família nos dias de hoje, podemos perceber que é possível fortalecer a relação família-escola com atividades simples – como, por exemplo, acolher bem os pais, escutá-los, envolvê-los no cotidiano da escola.

A grande maioria dos estudiosos do desenvolvimento humano – Piaget, Vygotsky, Wallon, Freud, dentre outros, afirmam que é exatamente nesta faixa etária em que as crianças estão, na Educação Infantil, que acontecem as maiores aquisições e os maiores progressos do desenvolvimento do ser humano – o crescimento físico, a constituição de alguns neurônios, as habilidades de andar, de falar, de interagir com o meio e com os outros, o desenvolvimento das percepções, da coordenação motora, a formação das representações, enfim, a maturação de todo o sistema nervoso central, bem como a ampliação e a consolidação de todas as relações e interações que o ser humano precisa estabelecer com ele mesmo, com os outros e com o mundo para se desenvolver plenamente, e poder se assenhorear de todas as habilidades e competências de que são capazes.

Sendo um período tão vital e importante para a criança e, considerando, o papel do outro, entendendo o “outro” como as pessoas que lidam mais diretamente com a criança, como fundamental e indispensável nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança pequena, é imprescindível que a criança dessa faixa etária possua um ambiente e uma convivência profundamente salutar e produtiva com todos que a rodeiam nesse momento, e que se tornam, portanto, responsáveis pelo seu crescimento físico, emocional, social e cognitivo.

A família e a Instituição de Educação Infantil, que trabalham diretamente com a criança pequena, devem caminhar juntas, integradas, estabelecendo uma parceria com o objetivo de contribuir efetivamente para o bom desenvolvimento das crianças. Alarcão (2001) comenta a respeito da parceria escola-família e diz que grande parte do seu tempo é passado na escola. Esta constitui um espaço, um tempo e um contexto de aprendizagem e de desenvolvimento. E mesmo que, por força das novas tecnologias, a aprendizagem desprenda-se da necessidade de espaços coletivos e tempos simultâneos, ela não deixará nunca de realizar-se em contexto, talvez em comunidades “aprendentes” interconectadas, às vezes globalmente interconectadas. Nem por isso se poderá deixar de pensar em escola. Com novas configurações; porém, na sua essência, escola.

Dessa forma, considerando a relevância de ambas as instituições como instâncias formativas, é importante que o diálogo se estabeleça entre elas, como primeiro passo para promover o entendimento para que assim, possam cumprir adequadamente o elevado papel social que possuem junto às novas gerações.

## CONCLUSÃO REFLEXIVA

A infância hoje vive uma série de paradoxos, difíceis de serem rompidos, pois estão presentes nas concepções e formas de agir com a criança nos âmbitos familiar e social. A noção de infância não é uma categoria natural, mas sim histórica e cultural. A diferenciação entre crianças e adultos vai depender do contexto e das condições sócio-históricas e culturais em que vivem.

Desde o nascimento, as crianças são mergulhadas num contexto social. Os adultos que convivem com elas, quando se transformam em parceiros de seus jogos e brincadeiras, muitas vezes não se dão conta da importância de cada gesto, de cada palavra, de cada movimento. Alguns desses adultos cantam, transmitem conhecimentos e ensinam brincadeiras. Outros pensam que as crianças não entendem nada e que só é preciso cuidar para que não fiquem doentes, não passem fome, frio ou sede.

A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem. Na medida em que vão crescendo, as crianças trazem para suas brincadeiras o que vêem, escutam, observam e experimentam. As brincadeiras ficam mais interessantes quando as crianças podem combinar os diversos conhecimentos a que tiveram acesso. Nessas combinações, muitas vezes inusitadas aos olhos dos adultos, as crianças revelam suas visões de mundo, suas descobertas.

Ao observarmos atentamente o modo como as diferentes crianças brincam, é possível perceber que os usos que fazem dos brinquedos e a forma de organizá-los estão relacionados com

seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares. As crianças precisam de tempo, espaço, companhia e material para brincar. Quanto mais as crianças vêem, ouvem ou experimentam, quanto mais aprendem e assimilam, quanto mais elementos reais dispuserem em suas experiências, tanto mais considerável e produtiva será a atividade de sua imaginação. A escola pode e deve reunir todos esses fatores e o papel do professor nesse processo é fundamental. São várias as condições necessárias para o desenrolar de jogos e brincadeiras, garantindo certa liberdade de escolha pela criança. O espaço da educação é um amplificador de experiências e de práticas sócio-culturais para todos os sujeitos envolvidos.

O papel do grupo na vida das crianças começa a se elaborar na escola de modo a promover a comunicação entre cidadãos e a responsabilidade face ao outro e ao social. A criança educada no sentido de se expressar e poder assumir seu próprio desejo de conhecer torna-se mais criativa e produtiva. Para que tais objetivos sejam alcançados, também é preciso interação entre pais e educadores para que possam compreender seus respectivos papéis sociais na promoção do desenvolvimento infantil e se respeitem mutuamente. No processo de individuação e de identificação de si, a criança recebe influências de pessoas significativas e importantes como seus pais, familiares, educadores, amigos, mas hoje em dia, os elementos da mídia se fazem extremamente presentes na sociedade pós-moderna e na vida infantil.

A criança pós-moderna vive, como toda a sociedade, a prevalência do visual, seja da tevê ou computador. Diante dessa situação pós-moderna, a infância recebe estímulos intensivos e iterativos, que faz crescer a questão de como fica a estrutura da criança. Os pais se perdem na tentativa de organizar a rotina e os contatos das crianças com os outros, acabam tendo pouca disponibilidade para o mundo infantil. Colocam a expectativa de socializar seus filhos na escola

ou em responsáveis na sua ausência. Em decorrência deste fato, ocorrem defasagem na linguagem, conflitos com o corpo e as dificuldades em diferenciar-se frente ao outro e de aceitá-lo, gerando problemas no processo de ensino-aprendizagem.

A criança, portanto, tem-se mostrado bem diferente daquela com que foi vestida nas décadas anteriores. É preciso dar espaço à criança na escola para intervir no que ela tem vivenciado, podendo ser feito através da atividade lúdica, em momentos de brincadeira livre ou com atividades psicomotoras.

Um outro aspecto que vem chamando a atenção há um longo tempo, é a relação do homem com sua cidade. Assiste-se a devastação ambiental, a escalada da violência e a negligência do zelo amoroso, não só por parte do poder público, mas também pela própria população. Tem-se em especial negligenciado um espaço muito importante, o do lazer; um local que concebemos como amplo, aberto e seguro para a diversão de crianças, jovens, adultos e idosos. É preciso ampliar espaços de convivências saudáveis em que as pessoas possam experimentar a liberdade aliada à confiança e segurança. Essa seria uma medida que junto com outras contribuíssem para uma vida saudável, e com isto queremos dizer saúde psíquica e corporal.

O encerramento deste trabalho, apenas abre, ainda mais, a discussão sobre uma temática tão importante de nossas vidas, pois que já fomos crianças em algum tempo, o brincar natural, os brinquedos que fazem parte de nosso desenvolvimento. Cabe lembrar ainda, que o trabalho nesta direção aponta hipóteses sobre a questão do mundo atual que vivemos e as implicações que nos são impostos diariamente. Pesquisas que possam somar informações e valores de como ocorrem os relacionamentos entre as crianças atualmente, dentro de seu universo do brincar, fonte de estruturação também ampliam o campo do progresso humano. E, por fim, ressaltar a proposta e

objetivo desta pesquisa, sinalizando para aquilo que já intuitivamente sabíamos pela natureza das coisas e a própria experiência humana é trazido neste trabalho, pela colaboração científica encontrada nele, que, o brincar natural, tem no mínimo, o poder de colaborar no desenvolvimento das crianças, servindo-lhes ainda, como fonte de “terapia natural”.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1998.

AUCOUTURIER, Bernard. **A prática psicomotora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

FONSECA, Vítor da. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FONSECA, Vítor da. **Aprender a Aprender - A Educabilidade Cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRIEDMANN, Adriana. **O papel do brincar**. Revista Pátio de Educação Infantil, março/ 2004.

FRIEDENRICH, Froebel. **Pedagogics of the Kindergarten. His Ideas Concerning the Play and Playthings of the Child**. Harris, W.T. (ed.). Tradução de Jarvis, Josephine. New York/London. D. Appleton and Company, 1912.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos: Uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo: Ática, 2003.

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SANCHÉS, Pilar Arnaiz; MARTINEZ, Marta Rabadán e PENÁLVER, Iolanda Vives. **A psicomotricidade na Educação Infantil: Uma prática preventiva e educativa.** Porto Alegre: Artmed, 2003.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : Juliana Sixel Coutinho

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : O brincar na  
contemporaneidade

ORIENTADOR : Sandra Albernaz

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Maria Âncela

Nota : 9.5 (nota 10)

Considerações:

Abordagem singular de um tema que merece  
destaque no contexto da Educação Infantil  
e da atualidade.

A forma como foi desenvolvido remete a importância dos dois principais institutos que cuidam da criança: a família e a escola.

O trabalho desenvolvido objetivamente os principais tópicos escolhidos e apontou para a necessidade de se assumir responsabilidade quanto ao processo de desenvolvimento psicomotor da criança, principalmente, na infância.

mg/psla

Segundo avaliador :

Professor orientador : Sandra Albernaz

Nota: 9,5 (nove e meio)

Considerações:

A monografia mostra a paixão da Juliana pela temática. Parece que ela foi tomada pelo assunto e revela isto em sua escrita.

A questão corporal deve ser mais debatida e problematizada no campo da Pedagogia e isto ela o faz. Vi-se que sua experiência avontou com crianças de uma determinada classe social e este aspecto deve ser apontado

com mais certeza para que não seja seduzida  
pela sedução da universalidade de algumas afirmações.

Parabéns,

Andra

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Lúcia Martha Coimbra

Nota : 9,5

Considerações:

A monografia conta com os principais elementos de um trabalho  
acadêmico. O Sumário deveria conter os títulos de cada sub-ítem.

### RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,5	9,5	9,5	28,5	9,5

Rio de Janeiro, 08/08/2005

M. Coelho